

REVISITANDO O CONCEITO DE MISSIO DEI DIANTE DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE

William Lacy Lane

Doutor em Teologia no Antigo Testamento pela Faculdades EST - 2011, Mestre em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões - CEM - 2006, Mestre em Teologia no Antigo Testamento pela *Calvin Theological Seminary*, 1996. Pesquisador visitante no *Center for Missiological Research do Global Research Institute de Fuller Theological Seminary* (jan-jun, 2018). Autor de diversos artigos e professor na área de línguas bíblicas e teologia da missão em diversas instituições teológicas no Brasil e também em Angola e Moçambique. Atualmente é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo - SP, e Capelão do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas - SP. É casado com Jenni com quem tem cinco filhos.

REVISITANDO O CONCEITO DE MISSIO DEI DIANTE DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE

Resumo

O objetivo deste artigo é revisitar o conceito e as articulações da *missio Dei* à luz de tendências e desafios contemporâneos da missão e sugerir quatro elementos que devem ser considerados na reflexão teológica da *missio Dei* na contemporaneidade: 1) As transformações tecnológicas digitais; 2) A formação e o envio de missionários; 3) A ênfase na igreja missional; 4) O entendimento do propósito da *missio Dei*. Espera-se com isso despertar o interesse pelo tema e contribuir para o amadurecimento do entendimento da *missio Dei*.

Palavras-Chave: *Missio Dei*. Teologia da missão. Missional. Tecnologia.

Abstract

The purpose of this article is to revisit the concept and the articulations of the *missio Dei* in the light of contemporary trends and challenges of the mission and to suggest four elements that should be considered in the theological reflection of the *missio Dei* in contemporary times: 1) Digital technological transformations; 2) The formation and sending of missionaries; 3) The emphasis on the missional church; 4) Understanding the purpose of the *missio Dei*. It is expected that this may cause an interest for the topic and may contribute for the consolidation of the understanding of *missio Dei*.

Keywords: *Missio Dei*. Theology of Mission. Missional. Technology.

Introdução

Talvez não seja exagero afirmar que a teologia da missão avança e amadurece, em geral, a partir de um esforço de missiólogos e teólogos de responderem biblicamente aos desafios sociais, econômicos, religiosos de sua época. Assim, por mais que a *missio Dei* esteja solidamente articulada e estabelecida nas Escrituras Sagradas, cada nova situação requer um retorno às Escrituras a fim de se ouvir de novo o que as Escrituras têm a instruir.

Depois de décadas de reflexão bíblica e teológica sobre a missão como obra de Deus e o amadurecimento da convicção de que a missão não é resultado unicamente do esforço da igreja, os desafios contemporâneos nos levam a revisitar os conceitos da *missio Dei* e buscar modos de continuar cumprindo a missão na nova realidade.

Nessa perspectiva, o que se pode considerar desafios à *missio Dei* na contemporaneidade e como isso pode levar ao amadurecimento do entendimento da *missio Dei* e também da prática missionária?

Os desafios são diversos e muito poderia ser explorado sobre cada um deles. Para os propósitos deste artigo destaco quatro que devem ser considerados na reflexão teológica da *missio Dei* na contemporaneidade: 1) As transformações tecnológicas digitais; 2) A formação e o envio de missionários; 3) A ênfase na igreja missional; 4) O entendimento do propósito da *missio Dei*.

Antes de abordar a cada um desses desafios, devo esclarecer que tomo com ponto de partida do conceito da *Missio Dei* a definição de Georg Vicedom. Em 1958 Vicedom publicou sua obra *missio Dei. Einführung in eine Theologie der Mission* em que define *missio Dei* como:

"...obra de Deus. Ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante [...] A missão, e com ela a igreja, são (sic.) obra do próprio Deus. Portanto, não é possível falar da "missão da igreja", muito menos podemos falar de "nossa missão" (ênfase do autor)."
[1]

Nesse sentido, como o próprio Vicedom argumenta, tanto a igreja quanto a missão "são tão somente instrumentos de Deus, através dos quais Deus promove sua missão".[2] Igreja e missão como instrumentos de Deus não são autônomas em sua obra.

Essa conceituação e semelhantes articulações de outros teólogos e missiólogos da segunda metade do século 20 foram necessárias dada a uma tendência de se desvalorizar historicamente a necessidade da missão. Foi preciso sustentar que a missão não era obra da igreja tampouco um movimento historicamente limitado que se moveu menos pelo imperativo evangelístico e mais pela força colonizadora de países ocidentais e cristianizados sobre os países não cristianizados.

Portanto, a missão não muda, pois é originada no próprio Deus e é ele quem a executa. No entanto, as circunstâncias em que ela se realiza, as demandas contextuais e a compreensão de cada geração diante dessas demandas requerem de seus agentes uma reflexão aprofundada de como cumpri-la fielmente.

As transformações tecnológicas

Alguns anos atrás, Jonas Kurlberg e Peter M. Phillips organizaram um livro intitulado *missio Dei in a Digital Age*. [3] Reuniram contribuições de diversos autores para refletir sobre as possibilidades e desafios da era digital para a missão e como as ferramentas digitais mudam as práticas missionárias e forçam uma reavaliação (*reassessment*) das práticas missiológicas tão comuns.

[1] Edição brasileira: VICEDOM, Georg. **Missão como obra de Deus**: Introdução à Teologia da Missão. S. Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 16.

[2] *Ibid.*, p. 16.

[3] KURLBERG, Jonas; PHILLIPS, Peter M. (orgs.). **Missio Dei in a Digital Age**, Londres: SCM Press, 2020.

A obra missionária sempre empregou e dependeu dos desenvolvimentos tecnológicos mais recentes, desde os meios de transporte, os instrumentos de comunicação impressa e oral até as mídias de propagação da mensagem do evangelho. Diante da revolução digital das últimas décadas não tem sido diferente. Assim como a televisão e o rádio foram amplamente empregados por igrejas e organizações missionárias no século passado para a propagação do evangelho, nas últimas décadas a internet, as mídias sociais e as plataformas de streaming de vídeos são instrumentos valiosos e de alcance inigualável até o momento para a evangelização. Por esses e outros motivos Kurlberg sustenta que,

"Missão, especialmente quando compreendida através das lentes da *missio Dei*, não está limitada a esforços explicitamente evangelísticos, mas inclui tudo que faz florescer os propósitos redentores de Deus para o mundo. Como tal, as ferramentas digitais que são usadas para obras de caridade, assistência e desenvolvimento, o bem comum e a justiça social podem também serem definidas como missionais."^[4]

Olhando por esse prisma, a igreja e a missão só têm a ganhar com o emprego das tecnologias digitais para cumprir sua missão. De fato, as ferramentas digitais têm contribuído intensamente para a tradução da Bíblia a outros idiomas, a comunicação do evangelho, o acompanhamento e discipulado por meios remotos, a comunicação rápida e imediata entre missionários no campo e seus familiares ou agências enviadoras, e tantas outras possibilidades que ainda estão para serem exploradas.

Então, se as possibilidades são ilimitadas e a tecnologia digital tem contribuído para diminuir as distâncias, acelerar a comunicação e alcançar lugares tão remotos muito antes da chegada de um missionário, qual é o desafio que isso traz à missão e como isso provoca um retorno à reflexão sobre a *missio Dei*? Os benefícios são facilmente evidentes. Não seria possível capitalizar sobre esses benefícios e relativizar as ameaças e desafios?

[4] *Ibid.*, p. 12.

Conforme aponta Kurlberg, os teóricos dos meios de comunicação têm sustentado há décadas que as “mídias tecnológicas não são meros conduítes ou canais de comunicação ininterrupta entre mensageiro e receptor”. Segundo ele, “a própria forma e arquitetura da mídia tecnológica condiciona como a mensagem é comunicada, interpretada e recebida”. Citando ainda a tese de Marshall McLuhan que ‘o meio é a mensagem’, Kurlberg alerta para o fato de que “o mensageiro adapta a sua mensagem à lógica do meio e os ouvintes interpretam a mensagem de acordo com os conduítes pelos quais ela é canalizada”.^[5] Assim, para Kurlberg a tecnologia digital está alterando radicalmente as condições em que a missão é cumprida. A tecnologia passa a moldar não só nossa compreensão da missão como também a própria concepção sobre Deus.

"Dennis Ford sugere que a mídia tecnológica dominante de qualquer era faz surgir epistemes que influenciam nossa própria concepção a respeito de Deus. Em culturas orais, argumenta Ford, o divino é concebido como concreto, imprevisível e pluralista, enquanto em culturas letradas a natureza estática do texto escrito desperta concepções de Deus mais autoritário, transcendente e imutável. Por outro lado, o multissensorial ‘Deus digital’ é experiencial, acessível e ‘customizável’.”^[6]

Se a tecnologia digital está moldando nossa concepção de Deus e a nossa mensagem, naturalmente isso afeta a missão. Quando se examina as origens do conceito de *missio Dei*, constata-se que ele parte da ideia do envio de Deus Pai ao seu Filho e ao Espírito. Para Vicedom, o conceito de envio é

"...com efeito, a essência da atividade criadora e do agir de Deus, de maneira que toda a história salvífica se apresenta como história da *missio Dei* [...] Por isso, envio é expressão de sua presença atuante em juízo e graça. Com isso a *missio* se torna uma afirmação de sua divindade.”^[7]

A encarnação de Jesus é a materialidade da presença de Deus e do enviar de Deus. Em Jesus “Deus é simultaneamente o enviado e o enviado, o que se revela e a revelação, o santo que castiga e redime.”^[8]

[5] *Ibid.*, p. 14.

[6] *Ibid.*, p. 17.

[7] VICEDOM, 1996, p. 18.

[8] *Ibid.*, p. 44.

A pergunta, então, que deve ser examinada é se os avanços tecnológicos corroboram ou comprometem a missão. Conforme já observado, podemos perceber claramente os benefícios dos avanços tecnológicos para a prática missionária. Porém, nem sempre estamos cientes dos problemas. Esses são muitas vezes percebidos posteriormente.

A recente crise da pandemia do coronavírus serve de exemplo da problemática. Quando a igreja estava orientada a evitar aglomeração e impedida de congregar, a tecnologia digital, as mídias sociais e os instrumentos de comunicação possibilitaram as igrejas e organizações missionárias manterem o seu contato, reuniões administrativas, cultos, estudos bíblicos, discipulados à distância. Nesse sentido, a tecnologia contribuiu para a igreja pelo menos continuar fazendo o que fazia e, em muitos casos, expandir o alcance de sua pregação.

Por outro lado, algumas comunidades não tinham acesso a essa tecnologia, e tiveram de desenvolver novas competências e fazer investimentos para se adequar àquela realidade ou se viram profundamente prejudicadas pelas limitações circunstanciais.

No entanto, à parte dessa questão, houve em algumas comunidades a discussão de uma questão conceitual mais à fundo. Virtudes tão importantes na comunidade cristã como a comunhão, convivência e o fortalecimento dos relacionamentos tiveram de ser ressignificados. Não só isso, mas a participação da Ceia do Senhor se tornou um ponto central no conceito de comunhão. Diferentes comunidades buscaram diferentes soluções. As que entenderam que a presença física da comunidade em um mesmo lugar era um elemento inegociável na celebração da Ceia suspenderam a celebração. As que, por outro lado, entenderam que essa presença pode ser comunicada pelos meios tecnológicos, continuaram a prática por meios virtuais. Outras, ainda, optaram por uma celebração individual em que o pastor visitava pessoalmente cada família para realizar o ato sacramental.

Uma alteração no cenário forçou uma adaptação das práticas e vivências da igreja e a tecnologia moderna foi instrumental nesse processo. Ao mesmo tempo, foi preciso retornar às Escrituras e reexaminar o sentido da presença de Cristo e da comunhão. Agora, que as comunidades voltaram a se congregar fisicamente, há de se debater novamente o sentido da presença.

Isso tem implicações para a obra missionária, pois a Grande Comissão não se cumpre apenas por meio da proclamação, mas significativamente, por meio do estabelecimento de uma comunidade cristã no meio de um povo. Ainda que seja possível se fazer presente em outro lugar pelos meios digitais, o meio não pode se tornar o conteúdo da mensagem e a realidade da presença da comunidade. A presença virtual não substitui a presença de uma comunidade.

A formação e o envio de missionários

O segundo desafio à prática da *missio Dei* diz respeito ao preparo, formação e envio de missionários. Mais uma vez, a tecnologia digital trouxe grandes benefícios e acelerou certas etapas da formação e envio de missionários. Concomitantemente, produz efeitos negativos que poderão provocar impacto na prática missionária. Portanto, há de se refletir sobre os desafios da formação e envio de missionários.

A Associação de Missões Transculturais Brasileira (AMTB) tem se ocupado com a pesquisa e a avaliação da formação missionária entre as organizações afiliadas. Em 2018 e 2019, a AMTB promoveu uma Consulta sobre os Caminhos e Limites para a Educação Missiológica em que se debruça sobre o estado atual da formação missiológica.

Os participantes da Consulta de 2018 indicaram que “os maiores desafios e necessidades do treinamento missiológico brasileiro eram: formação integral, capacitação missiológica, currículo, autoconhecimento, tempo de formação e formação de professores.”[9]

[9] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Documento-Consulta-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

Dentre as diversas perguntas de diagnóstico esses tópicos são recorrentes. Nota-se uma preocupação com o tempo do preparo dos obreiros, o conteúdo e a formação dos docentes de um curso de formação missiológica e treinamento missionário.

A Consulta de 2019 sob a temática “Treinamento Missionário: paradigmas, perspectivas e desafios” amplia a discussão dos temas mais relevantes levantados pela Consulta de 2018, e os abordam nesta ordem: Currículo, Tempo de Formação, Modelo de Formação, Formação de Professores, Integração Interescolas, Publicações, Intergeracionalidade, Delimitação dos Papéis dos Agentes na Educação Missiológica.[10]

Novamente, nota-se a ênfase sobre o tempo de formação e os modelos da educação missiológica. A recomendação do relatório é de uma duração de 1 a 2 anos, e quanto à possibilidade da formação missiológica em EAD, o relatório propõe um modelo híbrido, pois um treinamento totalmente em EAD traz a “desvantagem da falta de relacionamento”.[11]

Entre a Consulta de 2018 e a de 2019, o Departamento de Educação Missiológica (DEMI) juntamente com o Departamento de Pesquisa (DP) da AMTB fizeram um levantamento para conhecer o perfil da formação missiológica e treinamento missionário das instituições associadas.[12] Os resultados dessa pesquisa substanciaram as conclusões da Consulta de 2019.

Embora a pesquisa fosse feita uma única vez, de modo que não há dados anteriores para se comparar e poder traçar a tendência na formação missiológica, destaca-se que pelo menos 60% das organizações oferecem ou requerem formação de até 1 mil horas aulas.

[10] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Rela%CC%81torio-Consulta-DEMI-2019.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

[11] Ibid.

[12] Disponível em: <https://www.amtb.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Relato%CC%81rio-da-Pesquisa-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

Essa carga horária está, grosso modo, distribuída entre 20 a 30 matérias no curso (65%), sendo que o nível de formação é de ensino livre para 63% dos entrevistados, 19% de ensino superior livre, e apenas 6% de nível de ensino superior reconhecido pelo MEC. Acrescenta-se a esse quadro o dado de que 34% das organizações de ensino ou treinamento não possuem professores, e 22% tem entre 1 a 3 professores!

Apesar desse cruzamento de dados não ter sido feito explicitamente na pesquisa, é possível inferir que a maioria das organizações (mais de 60% pelos dados da pesquisa) oferece uma formação com relativamente pequeno número de matérias, em curso de nível não superior e com até 1 mil horas aulas ministradas por alguns poucos professores ou, supostamente, por alguém da equipe diretiva para as organizações que não têm professores.

Como se observa, a pesquisa foi realizada antes da pandemia do coronavírus, o que sugere que caso repetida poderá retratar um cenário bem diferente com um aumento da formação à distância e de um preparo mais informal e breve.

A pesquisa e a preocupação da AMTB com o tema da formação missiológica são de extrema importância e necessidade. A pesquisa pode revelar uma fragmentação na formação dos missionários, uma tendência de abreviação do tempo de preparo, o preparo pela própria agência, sem professores qualificados e sem um nível de ensino superior para a formação missiológica.

Aparentemente há uma tendência de as agências missionárias abreviarem o tempo de preparo do missionário seja por razões de custo ou pela urgência da execução do projeto missionário, o que, naturalmente, afeta a sustentação de escolas de formação missiológica.

É difícil mensurar como isso pode impactar o cumprimento da *missio Dei*. Porém, é possível concluir que quando a missão é reduzida a um projeto de uma agência missionária, uma igreja ou outra organização missionária, e se perde de vista a missão como obra de Deus, o pragmatismo, o individualismo, a falta de colaboração entre missionários e agências prevalecem e podem comprometer o êxito da obra missionária. A realidade e as demandas contemporâneas acabam por pautar o modo de preparo dos missionários.

A ênfase na igreja missional

Pode parecer contraditório e, no mínimo, paradoxal dizer que a ênfase na igreja missional provoca um desafio, se não até em uma ameaça, à *missio Dei*. Não seria justamente o contrário? A igreja missional não está justamente colocando em prática em nível de uma igreja local a *missio Dei*? De certo modo, os valores e abordagens de uma igreja missional reforçam o foco na *missio Dei*, uma vez que toma sobre si a responsabilidade de alcançar as pessoas ao seu redor para o evangelho, e compreende a missão não só como envio de missionários para outras localidades, mas como proclamação e estabelecimento de comunidades do povo de Deus em nível local. Assim, rompe-se com uma típica dicotomia de evangelização vs. missão, em que se entende que a igreja evangeliza localmente, mas quando envia missionários para outras localidades está fazendo missão.

O conceito *missional* é algo relativamente recente no meio evangélico e na literatura da missiologia. De acordo com Christopher J. H. Wright, “O adjetivo *missional* denota, simplesmente, alguma coisa relacionada à missão ou caracterizada por ela, ou que tem as qualidades, atributos ou dinâmicas da missão.”[13] Ele quer sugerir com isso que embora não encontremos, particularmente, no Antigo Testamento textos e um mandato “missionário”, há contudo uma essência missional na existência do povo de Israel.

[13] WRIGHT, Christopher J. H. A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia. S. Paulo: Vida Nova, 2014, p. 22. Ênfase do autor.

Segundo o autor, “até pouco tempo atrás, missionário parecia ser o único adjetivo derivado da palavra missão com o qual contávamos.”[14] Por esse motivo, se sustentava uma diferenciação rigorosa entre evangelização e missão ou missões, pela qual se entende que quando a igreja proclama o evangelho em sua localidade ela evangeliza e quando envia missionários, está envolvida em missão ou missões.

A discussão sobre a *missio Dei* pretende superar essas distinções em, pelo menos, duas áreas. A primeira diz respeito à leitura da Bíblia e o embasamento teológico da missão. Sustenta que a missão não é empreendimento estritamente eclesiástico, mas está fundamentada primeiramente na pessoa do próprio Deus e, em segundo lugar, no mandato de Deus ao seu povo. E a segunda área diz respeito às ações da igreja. Com isso, se entende que a igreja cumpre a missão de Deus não somente quando envia missionários, mas em toda a sua ação de proclamação do evangelho da salvação.

O resultado dessa compreensão leva a igreja a assumir sua responsabilidade da proclamação do evangelho no seu contexto local e, sobretudo, a ser intencional em todas as suas ações de modo que tudo que ela faça seja para cumprir a missão de Deus.

Por esse motivo, o adjetivo missional é empregado como qualificativo não só da leitura bíblica e do que a igreja faz, mas de um movimento teológico pastoral que busca levar a igreja local a tomar consciência do mandato divino de fazer discípulos e agir no seu contexto para cumprir a missão de Deus. Como movimento tem os seus valores, modos de agir e alvos específicos.

Assim, segundo Stetzer e Putman, uma das ideias centrais de um líder de uma igreja missional é ter “a habilidade de entender a cultura e de reproduzir o ministério como uma expressão de igreja fiel à Bíblia e culturalmente adequada”. [15]

[14] Ibid. Ênfase do autor.

[15] STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional**. S. Paulo: Vida Nova, 2018, p. 37.

A ideia de “desvendar”, como sugere o título dessa obra, envolve “descobrir os princípios que funcionam em todos os contextos, selecionar as melhores ferramentas para o seu contexto [...] e, em seguida, aprender a aplicá-los de um modo missionalmente eficaz.” Significa também “que precisamos reconhecer que há barreiras culturais, e não só espirituais, que impedem as pessoas de entender o evangelho.”[16]

A partir desse princípio básico, evidencia-se que o foco e passo inicial da ação de uma igreja missional são entender a cultura local e buscar meios de transpor as barreiras culturais para que a mensagem do evangelho se torne compreensível ao público secular, cuja visão de mundo secularizada, materialista e individualista o impede compreender o evangelho.

De certo modo, então, a igreja missional pode ser um excelente exemplo de como a igreja passou a entender a *missio Dei* não estritamente como a tarefa de enviar missionários para outras localidades, mas como sua responsabilidade de alcançar os que estão ao seu redor, porém, distantes culturalmente do evangelho. E se a *missio Dei* é entendida como mandato de Deus os modos específicos com que esse mandato será cumprido muda de um contexto e época para outro.

Com certeza, a igreja missional cumpre a *missio Dei* de forma intencional e relevante no contexto primordialmente urbano e secularizado. Stetzer e Putman ressaltam a importância da *missio Dei* para a igreja missional na comparação do enfoque dela com os modelos antecessores do crescimento de igreja e da igreja saudável. Para eles, o movimento de crescimento de igreja dos anos 1970, identificado com Donald McGavran e Peter Wagner, da Escola de Estudos Interculturais, do Seminário de Fuller, na Califórnia, é antropocêntrico e fundamentado na Grande Comissão. O modelo da igreja saudável de Rick Warren e Bill Hybels é eclesiocêntrico e fundamentado no Grande Mandamento. Já a igreja missional é teocêntrica e fundamentada na *missio Dei*. [17] Então, conceitualmente, a igreja missional age a partir da *missio Dei*.

[16]Ibid., p. 18, 21.

[17]Ibid., p. 66. Veja tabela comparativa.

Qual será, então, o desafio da igreja missional para a *missio Dei*? Tenho a impressão que a obra de Stetzer e Putman não é apenas descritiva de uma igreja missional, mas prescritiva e corretiva, tendo em vista já algumas distorções nas práticas notadas na igreja missional. Eles desenvolvem uma “matriz missional” em que propõe que a igreja missional está na intersecção da Cristologia, Eclesiologia e Missiologia, desse modo, tem um fundamento bíblico-teológico, uma aplicação eclesiológica e uma capacitação pelo Espírito para a missão.[18] Essa matriz traz um alerta contra uma ênfase demasiadamente sensível à cultura sem a devida crítica cultural pelos princípios bíblicos. Por isso, percebe-se que a igreja missional traz sim alguns desafios para a *missio Dei*, não só em relação a si própria quanto também aos efeitos de sua visão para a missão. Quero destacar três desafios.

1) Um dos grandes desafios da igreja missional para a *missio Dei* é o risco de o seu *modus operandi* se tornar uma cultura própria e, conseqüentemente, um fim em si mesma. É verdade que isso não é uma particularidade da igreja missional. Esse risco ou ameaça ocorre também em igrejas que dão maior prioridade à agenda e estrutura denominacionais do que à missão. É muito fácil as normas, estrutura e órgãos denominacionais, a tradição teológica, os dogmas e as formas eclesiais de culto, pregação e ensino se sobreporem à prioridade da missão. A consequência disso é que a missão se torna apenas mais um programa ou departamento na estrutura da igreja que não pode competir com os demais departamentos. Essa é uma realidade típica contra a qual a igreja missional se levanta. Por isso, seria possível dizer que a igreja missional vem justamente resolver a inércia e letargia da igreja que não está engajada com a missão divinamente instituída para ela.

Se este é o caso, por que destacar a igreja missional como desafio? Justamente, porque a igreja missional procura romper com estruturas e formas muito rígidas e focar na leitura da realidade e se colocar, de certo modo, como meio relevante de comunicação do evangelho.

[18] Ibid., p. 71.

Mas, apesar de Stetzer e Putman sugerirem que o modelo de igreja saudável de Warren e Hybels é que desencadeou diversas iniciativas de replicá-lo em outro contexto com resultados diversos – alguns sendo bem-sucedidos e outros, não – o mesmo acontece com a igreja missional. Em tese, cada nova comunidade requer um novo estudo de contexto e um alinhamento de seu estilo e cultura às demandas específicas daquele contexto. Porém, o inverso também ocorre. A partir de uma história de sucesso procura-se outro local com características semelhantes à de origem para que se replique ali o *know-how* da primeira experiência. Isto é, o contexto é escolhido a partir da proposta de trabalho. Isso mostra que toda análise de contexto é uma construção teórica que nem sempre tem primordialmente em vista a realidade empírica das pessoas, mas a realidade percebida de quem pretende plantar uma igreja.

2) O segundo desafio decorrente do primeiro é o foco predominante sobre a igreja local e as demandas do público. Quando se constrói uma comunidade com foco em atender as expectativas, demandas e necessidades do público, no longo prazo se desenvolve uma relação de produto e consumo em que a palavra-chave é satisfação. Por isso, há uma concentração de esforços em evitar que algum membro se torne insatisfeito ou não atendido na igreja.

Naturalmente, é muito válido a igreja ir aonde o pecador estiver, falar sua linguagem, comunicar o evangelho de um modo compreensivo e real. Mas é natural também que ao fazer isso a igreja se torna parte daquela cultura. O mesmo acontece em missões transculturais. Uma igreja plantada no Brasil por missionários estrangeiro absorveu a cultura local e se distanciou da cultura de origem. Esse é um processo natural da comunicação transcultural.

Quando se foca numa parcela da população materialista, secularizada e individualista, que possivelmente transfere para a igreja os mesmos valores e expectativas de suas relações comerciais, o público que vem à igreja é um público consumidor da fé que espera uma boa música, uma palavra inspiradora, um local aprazível, uma programação diversificada e que atenda às necessidades das faixas etárias de sua família e não gere insatisfações.

Para um público assim, a igreja terá de se concentrar quase exclusivamente nas suas atividades e programas locais. Qualquer outro esforço fora da igreja local será no sentido de replicar o mesmo modelo em outra localidade, à semelhança do que fazem as igrejas denominacionais tradicionais.

É certo que isso pode ser uma caricatura de casos em que houve realmente uma distorção dos princípios de um “*código missional*”. Mas é preciso que se atente para que a igreja missional não se afaste de seu propósito de ser uma igreja que cumpre a missão de Deus de modo relevante em seu contexto.

3) O terceiro desafio é decorrente dos dois primeiros. Pode haver uma falta de interesse na obra missionária fora dos limites do modelo estabelecido e da região geográfica em que a igreja está inserida. O apoio à obra missionária ocorre a projetos da própria igreja ou que sigam o mesmo modelo já estabelecido. O trabalho missionário é entendido como plantação de igrejas que sigam o mesmo modelo de atuação em contexto semelhante à igreja de origem. Na realidade, cada ‘nova’ igreja é um novo campus da mesma igreja.

Se a *missio Dei* pode ser realizada como missão de todo lugar para todo lugar, e como obediência ao mandato de Deus, então, todo esforço evangelístico e missionário está cumprindo a missão. No entanto, quando a igreja se volta para si mesma e se torna mais importante do que o Deus da missão, assim como a cultura e o público-alvo se tornam determinantes em como se cumpre a missão, ela pode se tornar também uma ameaça à *missio Dei*. Ainda que procure cumprir a missão, quando as expectativas e necessidades do público-alvo são decisivos na tomada de decisões sobre os meios da missão, compromete-se a autenticidade da missão, se não até, do evangelho.

É verdade que, como observa Sawatsky, desde o início o conceito de *missio Dei* abrange diversas culturas,

A *missio Dei*, uma recuperação missiológica difundida desde 1970, trouxe à tona a convicção não apenas de que o Deus trinitário é o iniciador da missão, mas também de que o evangelho se destina "a todas as nações". Assim, o contexto para a missão cristã desde o início foi multicultural e multilíngue.[19]

Vemos que os desenvolvimentos dos métodos e estratégias na missiologia das últimas décadas têm se sensibilizado ao contexto cultural e têm, acertadamente, buscado comunicar o evangelho de modo compreensível. No entanto, o risco tanto para a missão urbana quanto para missões transculturais é dogmatizar certos métodos e, novamente, impor um modo de sucesso de experimentar e viver o evangelho sobre outros contextos.

O entendimento do propósito da *missio Dei*

Finalmente, o quarto desafio para a reflexão da *missio Dei* é o entendimento do propósito da missão. Isso envolve examinar não apenas os textos que nos permitem estabelecer um fundamento bíblico da missão, mas, sobretudo, examinar qual é o propósito da missão manifesto nas Escrituras como um todo. Diante de tantos empreendimentos missionários e missionais, às vezes competindo entre si, perde-se de vista que o propósito da missão é o senhorio de Deus no mundo, de modo que a missão se cumpre quando indivíduos se submetem ao senhorio de Cristo e vivem os valores do reino de Deus. Como propõe Vicedom, "o alvo da *missio Dei* é incorporar os seres humanos na basileia tou theou [reinado de Deus], no senhorio de Deus, e transmitir-lhes seus dons." [20]

A falta da compreensão da abrangência da missão pode tornar os meios da missão os seus fins. Essa é uma das marcas de uma igreja não comprometida com a evangelização e missão, porém, mesmo as igrejas que estão engajadas na manutenção, capacitação, envio e ação missionária, são suscetíveis a tornar os interesses particulares de uma igreja ou denominação com objetivos principais do envolvimento com a missão.

[19] SAWATSKY, W. **Where in our pluralist world will the *Missio Dei* take us?** Pondering mission encounters in pluralist societies. *Vision: A Journal for Church and Theology*, v. 18, n. 2, p. 24-32, 2017, p. 24.

[20] VICEDOM, 1996, p. 21.

Como bem expressa David J. Bosch,

"Teologicamente mais adequados mas, em sua manifestação, muitas vezes também ambíguos são quatro outros motivos missionários [...]: a) o motivo da conversão, que o valor da decisão e do compromisso pessoais – porém tende a estreitar o reinado de Deus de modo espiritualista e individualista ao total de almas salvas; b) o motivo escatológico, que fixa os olhos das pessoas no reinado de Deus como realidade futura, mas, em sua ânsia de apressar a irrupção daquele reinado final, não tem interesse nas exigências desta vida; c) o motivo da *plantio ecclesiae* (plantação ou instalação da igreja), que acentua a necessidade de reunir uma comunidade das pessoas comprometidas, porém, se inclina a identificar a igreja com o reino de Deus; e d) o motivo filantrópico pelo qual a igreja é desafiada a buscar a justiça no mundo, mas que facilmente equipara o reinado de Deus a uma sociedade melhorada." [21]

Assim, para evitar essa ambiguidade é preciso construir uma compreensão teológico-bíblica da missão. Como já observado, Wright busca construir uma hermenêutica missional para orientar a leitura da Bíblia a partir da missão. Ele sustenta que as Escrituras Sagradas são o produto de missão em ação. [22] Outros como Michael W. Goheen, [23] Köstenberger e O'Brien, [24] também seguem propostas semelhantes de leitura da Bíblia em busca de um enredo principal que indica a intencionalidade missionária das Escrituras. [25]

Historicamente, a discussão da relação da Bíblia e a missão evoluiu em pelo menos três estágios que podem ser descritos como: 1) a fundamentação bíblica da missão; 2) a teologia bíblica da missão; 3) a hermenêutica da missão.

[21] BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. S. Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 22.

[22] WRIGHT, C. J. H., 2014, p. 48.

[23] GOHEEN, Michael W. (org.). **Reading the Bible Missionally**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

[24] KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. **Salvation to the Ends of the Earth?** A biblical theology of mission. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

[25] Eu mesmo tenho argumentado que o cânon bíblico oferece um molde para o entendimento do propósito bíblico da missão que se expressa pelo resgate da presença de Deus na vida humana, na sociedade e em todo o universo. A exposição dos argumentos e a leitura da Bíblia nessa perspectiva são o tema do meu livro "O propósito bíblico da missão" a ser publicado em breve. Expõe em linhas gerais a tese em LANE, William Lacy. **Resgatando a presença de Deus**: um paradigma bíblico-teológico para o ministério. *Praxis Evangélica*, v. 19, p. 33-48, 2012.

Talvez a grande novidade mais recente nesse debate é que biblistas e missiólogos estão conversando entre si sobre os métodos de leitura e a construção de uma hermenêutica da missão. A necessidade dessa hermenêutica já vem sendo apontada há algumas décadas. Desde 1978, Bosch já indicava que não bastava discutir a fundamentação bíblica da missão antes de esclarecer alguns princípios hermenêuticos cruciais.[26] A literatura mais recente da teologia da missão tem contribuído muito para a construção de uma leitura missionária ou missional da Bíblia.

A hermenêutica da missão é definida por Bauckham como “Um modo de ler a Bíblia para a qual a missão seja a chave hermenêutica[...] não simplesmente um estudo do tema da missão nos escritos bíblicos, mas um modo de ler toda a Escritura tendo a missão como seu interesse e alvo central.”[27] Diferentemente da abordagem da teologia bíblica da missão que toma a missão como tema central, a hermenêutica da missão, tecnicamente, toma a missão como lente através da qual se lê a Bíblia. Embora, algumas vezes, a missão ainda seja tomada como tema central da Bíblia.[28]

Esses estudos e publicações têm sido valiosos para o entendimento da missão. Assim, o entendimento do propósito da *Missio Dei* passa por uma revisão da literatura recente sobre a hermenêutica da missão para que sejamos dirigidos por uma compreensão abrangente das Escrituras Sagradas no que diz respeito ao propósito de Deus para a humanidade e a sua criação. A *missio Dei* se move pela pessoa do próprio Deus e é no encontro com esse Deus por meio da revelação bíblica é que se alcança um amadurecimento no entendimento da *missio Dei*.

[26] Citado por VAN ENGEN, Charles. **Qué es la teología de la misión?** In: La iglesia latinoamericana: su vida y su misión, C. Van Engen; Roldán, A. F.; Thomas, N. (orgs.). Buenos Aires: Certeza, 2011, p. 57-97.

[27] BAUCKHAM, M. **Mission as Hermeneutic for Scriptural Interpretation.** In: Reading the Bible Missionally. Michael W. Goheen (org.). Grand Rapids: Eerdmans, 2016, p. 28-44 (tradução nossa).

[28] Bartholomew, Craig G.; Michael W. Goheen. **O drama das Escrituras:** Encontrando o nosso lugar na história bíblica. S. Paulo: Vida Nova, 2017, p. 15.

Considerações finais

A igreja e a missão se manifestam num tempo e espaço em constante movimento e evolução. Ainda que o Deus da igreja e da missão, e a sua revelação sejam imutáveis, a compreensão sobre as demandas contemporâneas, os desafios, problemáticas e novas situações requerem um constante retorno à revelação bíblica para nos orientar diante da realidade. A *missio Dei* revelada nas Escrituras é perene, porém, o aprofundamento do entendimento dela é buscado diante das mudanças históricas.

As transformações tecnológicas digitais, a formação e o envio de missionários, a ênfase na igreja missional, o entendimento do propósito da *missio Dei* são alguns dos elementos que compõem esse cenário contemporâneo que requerem reflexão e aprofundamento no entendimento e na prática da *missio Dei*.

Todo desafio traz consigo um elemento desestabilizador e outro de estruturação. Os elementos colocados aqui como desafio não são estritamente ameaças, pelo contrário, são instrumentos úteis na prática da *missio Dei*. Porém, justamente por serem instrumentos é preciso que cumpram o propósito maior da *missio Dei* e nunca se tornem eles próprios barreiras, atropelos ou empecilhos para a prática da missão. Muito menos devem eles se tornarem fim em si mesmos.

A grande expectativa de qualquer debate sobre a missão é que de algum modo com o tempo a discussão e os conceitos se traduzam em ações eficazes para os atores da missão: os missionários, comunidades eclesíásticas, organizações missionárias, escola de treinamento e formação de missionários, e políticas das agências missionárias.

Referências

AMTB. **Relatório da Pesquisa DEMI 2018**. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Relato%CC%81rio-da-Pesquisa-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

_____. **Relatório da Consulta DEMI 2019**. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Rela%CC%81torio-Consulta-DEMI-2019.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

_____. Documento da Consulta DEMI 2018. Disponível em: <https://www.ambt.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Documento-Consulta-DEMI-2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2023.

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: Encontrando o nosso lugar na história bíblica. S. Paulo: Vida Nova, 2017.

BAUCKHAM, M. **Mission as Hermeneutic for Scriptural Interpretation**. In: Reading the Bible Missionally. Michael W. Goheen (org.). Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. S. Leopoldo: Sinodal, 2002.

GOHEEN, Michael W. (org.). **Reading the Bible Missionally**. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; Peter T. O'Brien. **Salvation to the Ends of the Earth?** A biblical theology of mission. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

KURLBERG, Jonas; PHILLIPS, Peter M. (orgs.). **Missio Dei in a Digital Age**, Londres: SCM Press, 2020.

LANE, William Lacy. **Resgatando a presença de Deus:** um paradigma bíblico-teológico para o ministério. *Práxis Evangélica*, v. 19, p. 33-48, 2012.

SAWATSKY, W. **Where in our pluralist world will the Missio Dei take us?** Pondering mission encounters in pluralist societies. *Vision: A Journal for Church and Theology*, 2017, v. 18, n. 2, p. 24-32.

STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional.** S. Paulo: Vida Nova, 2018.

VAN ENGEN, Charles. **Qué es la teología de la misión?** In: *La iglesia latinoamericana: su vida y su misión*, C. Van Engen; Roldán, A. F.; Thomas, N. (orgs.). Buenos Aires: Certeza, 2011, p. 57-97.

VICEDOM, G. **Missão como obra de Deus:** Introdução à Teologia da Missão. S. Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, C. J. H. **A missão de Deus:** Desvendando a grande narrativa da Bíblia. S. Paulo: Vida Nova, 2014.

Texto recebido em 26.01.2023 e aprovado em 30.01.2023